

Carnaval carioca em rede

Observações sobre cultura popular e comunidades virtuais

Simone Pereira de Sá

Doutora em Comunicação e Cultura

Professora do Dep. de Comunicação/UFF;

Resumo : O trabalho discute os resultados de pesquisa em andamento sobre o Carnaval carioca e suas reconfigurações “virtuais”, através da descrição etnográfica de uma comunidade constituída através de lista de discussão temática sobre o carnaval do Rio de Janeiro. Busca-se delinear o perfil dos participantes e o conteúdo da lista, discutindo-se o papel da ferramenta comunicativa do e-mail na articulação da identidade de “sambista virtual”. O trabalho propõe ainda uma comparação entre esta comunidade e uma outra constituída pelos participantes do Grêmio Recreativo Escola de Samba Demonstração Unidos do Mundo – articulada em nível planetário através da Internet para desfilar no Rio de Janeiro no Carnaval 2000 – a fim de perceber os distintos usos da mesma tecnologia comunicativa.

Introdução

O Carnaval se aproxima e você não conseguiu resolver para onde e como ir ou onde ficar? Não se preocupe: este ano não vai ser igual àquele que passou. Ligue seu computador e prepare-se para adicionar à sua caixa de "Favoritos" alguns endereços que podem acabar com sua indecisão. A Internet pode ser uma grande aliada dos foliões que não tiveram tempo de se programar. (...)

Para quem resolveu passar o carnaval no Rio e cair no samba na Marquês de Sapucaí, a Web também aparece como boa opção. O internauta-folião irá encontrar sites para aluguel de fantasias com fotos e informações sobre preços e formas de pagamento e horário do desfile de sua escola de samba.

A reportagem acima, extraída de edição do Jornal do Brasil Online¹, aponta para uma nova forma de sociabilidade que se organiza através das redes virtuais. Com um clique no mouse a partir de qualquer parte do planeta, o internauta pode adquirir sua fantasia e até aprender o samba da Escola escolhida, transformando-se num piscar de olhos em um folião virtual pronto para o Carnaval – sem ter enfrentar suor e cerveja no aperto das quadras e barracões das Escolas de Samba cariocas – forma tradicional de socialização e compra de fantasias. Quais as consequências disto? Estaria o samba se “globalizando” a partir desta “janela para o mundo”? Poderíamos falar de uma identidade global de folião virtual? E de que forma esta articulação problematiza as identidades anteriormente construídas no mundo do samba carioca?

A presente reflexão parte destas indagações, apresentando observações resultantes de projeto em andamento sobre *sites* e listas de discussão ligados ao Carnaval carioca e ao desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.² Buscando discutir modalidades de articulações da cultura popular propiciadas pela rede Internet, o artigo restringe-se a um

primeiro elemento da pesquisa - a lista de discussão <rio-carnaval@egroups.com> Trata-se de uma lista sobre o Carnaval Carioca, que tal como outras do gênero, se vale dos recursos do correio eletrônico para reunir participantes em torno do tema do samba e das escolas de samba cariocas.

De maneira geral, o trabalho busca identificar as características da comunidade virtual³ articulada em torno desta lista, relacionando-a à discussão sobre as reconfigurações identitárias contemporâneas. Mais especificamente, a discussão traduz-se nas seguintes questões 1) quem são os participantes desta lista e qual a sua representação do mundo do samba e de sua participação na < rio-carnaval @> 2) Qual o conteúdo da lista e como ele reflete estas representações? 3) Qual o papel desta ferramenta comunicativa - o e-mail - na articulação de uma identidade de “sambista virtual”?

Através destas indagações, busca-se articular no âmbito dos estudos da comunicação dois universos de problemas vistos, de forma predominante, como distintos – de um lado, o universo da “cultura popular carioca”; de outro, o universo da pesquisa sobre cibercultura e socialidade através das redes telemáticas. Parte-se do pressuposto de que a comunicação na rede envolve atores e cenários que tecem uma vasta trama de relações e interações em dimensões simultaneamente locais e globais - identificadas em seu conjunto como cibercultura - ensejando um conjunto de comportamentos e práticas que apontariam para formas de sociabilidade que podem ser ao mesmo tempo específicas do ciberespaço e articuladas com as da nossa sociedade de extrema complexidade.

A discussão organiza-se em duas partes: na primeira, remete-se aos pressupostos da reflexão sobre Carnaval no Brasil; na segunda, aborda-se a lista rio-carnaval@ a partir de uma perspectiva etnográfica, indagando quem são os participantes e qual seu conteúdo – cruzando-se estes elementos com os processos de construção de identidades culturais.

I - A dimensão comunicativa do Carnaval

Ao longo da década de 30 deste século consolida-se a identificação da nação com o Carnaval de matriz carioca, que tem nas Escolas de Samba e blocos de rua as modalidades mais expressivas.(Cf:Vianna; 1995)

A partir de então, se o Carnaval jamais abandonou seu papel de elemento de identificação da nação, sua importância para as ciências humanas também não é desprezível, provocando cientistas sociais e historiadores como um laboratório privilegiado para apreender o sistema de valores, a ideologia e aspectos centrais da cultura brasileira.

Nos estudos existentes encontram-se, por um lado, trabalhos de cunho predominantemente memorialista, que reivindicam a origem “popular” das Escolas de Samba, avaliando sua trajetória desde a origem “autêntica” até a descaracterização a partir da “apropriação” por outros segmentos da sociedade e consequentes “comercialização” e “espetacularização”.

Segundo este ponto de vista, o samba surgiu nas favelas e foi apropriado posteriormente pela indústria cultural. Através de músicos brancos de classe média, das gravadoras, do rádio, e até do cinema, a cultura das classes populares foi perdendo a pureza. Tornou-se assim conhecida, inclusive internacionalmente, mas muitas vezes foi também adulterada. Sob a mesma ótica, o Carnaval já não é o mesmo desde que se espetacularizou através da televisão e o espaço dedicado à cultura popular brasileira nos veículos de comunicação é sempre menor do que aquele espaço dedicado aos produtos

importados. (Entre muitos outros, ver os trabalhos de Cabral:1974; Carneiro:1987; Silva et alli:1980 e Tinhorão:1969).

Neste tipo de visão, a cultura popular é considerada no singular, de forma homogênea; e a ela atribuem-se características como pureza, comunitarismo, primitivismo e autenticidade(Cf:Burke;1989) – as quais estariam ameaçadas diante dos processos combinados de expansão do capitalismo e da cultura de massas.

Sem desmerecer o importante esforço de preservação da memória cultural resultante destas preocupações, esta ótica torna-se problemática ao essencializar o fenômeno, apostando na sua cristalização e desconsiderando as dimensões híbridas e metamórficas do evento, que lhe dão vitalidade e dinamismo.

Em outra vertente situam-se os trabalhos marcados pela perspectiva das ciências sociais, que se interessam preferencialmente pelos aspectos rituais do Carnaval, considerando-o como um “fato social total” que articula ordens e categorias diversas da sociedade brasileira.

Na análise do Carnaval como “ritual de inversão” – conforme o clássico estudo de Roberto da Matta; nos estudos de caso que se ocupam de Escolas de Samba específicas, tais como os trabalhos de Cavalcanti (1995) e Goldwasser (1975) assim como nos ensaios que se ocupam de aspectos específicos das Escolas – tais como as letras dos samba-enredos (Augras; 1992; Baeta Neves; 1979); as relações entre samba e jogo do bicho (Chinelli & Machado; s.d.); da temática racial (Cavalcanti; 1990) ou das políticas culturais que consolidam o samba nos anos 30 (Vianna; 1995) vamos encontrar as reflexões críticas mais estimulantes.

Dialogando com estes autores, encontram-se ainda obras marcadas pela perspectiva historiográfica, que buscam apreender os “significados profundos” da festa através do tempo e do espaço. (Queiroz; 1992) Buscando dar conta do movimento histórico, da multiplicidade de carnavais e seu significado para os diferentes grupos que dela participam (Pereira; 1994), estes trabalhos complementam e enriquecem de forma crítica as análises precedentes.

Estas reflexões, demarcando o campo teórico de forma fecunda, nem de longe correspondem à amplitude e relevância do tema para a reflexão sobre a cultura brasileira, que faz com que outros aspectos do fenômeno permaneçam pouco explorados.

Um deles, pertinente ao âmbito dos estudos de comunicação, diz respeito à dimensão comunicativa dos desfiles. Ou seja: tomando o Carnaval enquanto um processo de produção e encenação cultural que surge expressando as tensões existentes em uma sociedade complexa, articulada por diferentes ordens simbólicas, parece fundamental que se considere os diversos aspectos ligados ao caráter espetacular e mediático desta celebração, indagando que relações as Escolas de Samba estabelecem com a indústria cultural, com os meios de comunicação e, no caso específico do nosso projeto, com as tecnologias virtuais, uma vez que as principais Escolas de Samba do Rio de Janeiro possuem sites na Internet onde, entre outros serviços, vendem fantasias; além de listas de discussão específicas sobre Carnaval carioca e até uma Escola de Samba articulada inteiramente pela Internet.

Deveríamos supor que a entrada do samba no mundo virtual significa um passo a mais no sentido de sua descaracterização, dentro do cenário globalizado da cultura contemporânea? Estaria concretizando-se a estratégia de transformação desta festa em espetáculo de consumo, com o surgimento de foliões virtuais desencarnados da experiência de frequentar as Escolas de Samba, que a um clique do mouse passeiam pelas alas de

Escolas diversas e escolhem sua fantasia como produtos no supermercado? Ou devemos apostar na premissa oposta, percebendo a comunicação virtual como constituindo um processo de acréscimo comunicativo que complexifica a já heterogênea articulação social que constitui a vitalidade das Escolas de Samba cariocas?

E ainda: como pensar no Carnaval como fonte de construção da identidade nacional, no momento em que esta idéia sofre abalos decorrentes do estágio atual do capitalismo, que como se sabe, em sua vocação “desterritorializante” e planetária, produz alianças inesperadas entre o local e o global e reorganiza as formas de pertencimento estabelecidas com referência em fronteiras nacionais.(Hall;1998; Giddens; 1991 Castells; 1999)

Ressaltando, assim, a importância das Escolas de Samba como a mais emblemática manifestação do Carnaval carioca, que mobiliza em torno do seu desfile diferentes segmentos sociais mais ou menos comprometidos com a discussão em torno das idéias de identidade e tradição. E, ainda, reconhecendo a tensão entre a noção de pertencimento existente dentro destas agremiações, identificadas com suas comunidades geograficamente localizadas nos morros e subúrbios da cidade do Rio de Janeiro; e a forma peculiar como as escolas articulam relações com a sociedade mais ampla, lidando com a espetacularização midiática, com a comercialização dos desfiles e com a “invasão” de turistas nacionais e internacionais à festa, residindo nesta tensão local/ nacional/global uma das características estimulantes deste tipo de ritual⁴ - buscamos aqui discutir as novas formas de sociabilidade relacionadas às redes telemáticas, remetendo-as concretamente a formas de sociabilidade não virtuais, como é o caso da comunidade das Escolas de Samba “reais”.

II - Listas de discussão e comunidades virtuais

A pesquisa sistemática sobre as relações entre o que se convencionou chamar de novas tecnologias da comunicação e a cultura contemporânea é ainda recente no Brasil, acompanhando de perto o próprio desenvolvimento tecnológico do país no que diz respeito ao crescimento do uso de computadores pessoais, a partir dos anos 80 e à implantação das redes telemáticas de acesso à Internet, no início dos 90.

Após um primeiro momento onde o acesso era privativo da comunidade universitária, data de 1995 o ano em que o público brasileiro passa a ter acesso à Internet, através de provedores privados.⁵ Neste curto período, a comunicação por esta via cresceu no Brasil em números impressionantes, ultrapassando o milhão de internautas, em números possivelmente já defasados.⁶

Não obstante reflexões pioneiras de fins dos anos 80 referenciadas pelo quadro teórico dos pensadores que diagnosticavam mudanças englobadas sob a rubrica da pós-modernidade, e que remetem, em perspectivas diferentes para os nomes de Baudrillard; Virilio; Lyotard; Deleuze; Guattari; Vattimo e Lipovetsky⁷, pode-se afirmar que é na década de 90 que as investigações interdisciplinares compartilhadas por cientistas sociais e estudiosos da comunicação se apresentam como um campo particular de reflexão.

Neste sentido, as observações sobre a especificidade do ambiente virtual – que, ao contrário dos meios de comunicação de massas reúnem comunicação massiva e maior interatividade com o usuário (Landow; 1992 e 1997; Ess;1997; Lévy; 1996 e 1997; Durand et alli, 1987); tanto quanto as reflexões que se ocupam de comparações entre as comunidades “reais” e “virtuais”, marcadas por aproximações e distanciamentos no que diz respeito às características de pertencimento; territorialidade; permanência e projeto comum, além das formas distintas de demarcação das fronteiras entre o público e o privado ou de

“encenação” da identidade (Turkle; 1984 e 1996; Rheingold;1993; Mitchell; 1995; Star; 1995; Shields; 1996) – estabelecem parâmetros para as discussões no âmbito da temática que relaciona cotidiano, sociabilidade e tecnologia.

Sobre as listas de discussão, ressalta-se que, ao lado dos *chats*⁸, elas constituem-se como ferramentas para novas formas de convívio social propiciado pelo ambiente da Rede Internet. Apoiada numa das ferramentas mais simples e populares da Rede - o correio eletrônico – uma lista constitui-se pela troca de mensagens assíncronas entre participantes separados geograficamente mas organizados por interesses comuns, que vão formar assim uma “comunidade virtual”. (Rheingold;1993; Fernback & Thompson;1995)

O processo para participação é simples e imediato: através das ferramentas de busca o internauta pode pesquisar as milhares de listas existentes sobre assuntos diversos em qualquer lugar do mundo e, uma vez escolhido o assunto de interesse, inscreve-se gratuitamente, passando a partir deste momento a receber na sua caixa de correio eletrônico as mensagens que são enviadas pelos participantes. Da mesma forma, pode se desligar da lista a qualquer momento, solicitando, através de um e-mail, a sua exclusão.

Vale sublinhar que o caráter comunitário e público destas listas se estabelece a partir do acesso às mensagens, que são recebidas por todos os participantes - criando um fórum de discussões permanente, para além das eventuais chegadas e partidas de um ou outro membro. Aqui, cada um participa como pode ou deseja, de acordo com o interesse e a própria personalidade - alguns participantes são extremamente ativos, respondem a todas as mensagens, ocupando-se horas desta correspondência; outros são mais discretos e silenciosos; alguns são especialistas no assunto principal da lista outros são leigos, que querem tomar o primeiro contato com o tema. Alguns participam por poucos dias e desinteressam-se; outros mantêm-se ligados por meses ou mais de anos, criando laços de sociabilidade extremamente fortes que podem se desdobrar em encontros “reais”. Alguns membros já se conheciam antes do convívio virtual e chegaram a uma lista por dicas dos amigos; outros jamais encontraram os participantes, apesar do longo convívio virtual. Alguns fazem questão de se identificarem; outros preferem desfrutar da garantia do anonimato permitida pela Rede, utilizando-se inclusive de nomes fictícios e explorando o espectro de possibilidades de descolamento das imagens corporais e de status social que regem o comportamento social na “vida real” (Rheingold; 1993)

Além disto, apesar de ser um ambiente aberto e inclusivo, as listas (tal como os chats) são marcadas por um código social traduzido em regras de convívio adequadas ao ambiente- algumas específicas, outras gerais e de conhecimento público entre os usuários da Internet.⁹

No que diz respeito às dinâmicas identitárias, os estudos sobre estas comunidades virtuais têm enfatizado o surgimento de uma nova forma de identidade global, desterritorializada, que se articula sobre afinidades, interesses específicos e “imagens desencarnadas” ao invés dos critérios aleatórios de pertencimento a uma comunidade concreta. Para os entusiastas, estaríamos assistindo portanto a uma “multiplicação das potencialidades de fazer amizades” livres do constrangimento social do cotidiano, por demais aferrado às regras sociais de aparência, status, proximidade geográfica, etc etc.(Rheingold; 1993)

Se buscamos estas hipóteses, porém, para compreender a comunidade virtual da lista rio-carnaval@, vamos ver que algumas destas suposições não se confirmam. A análise dos primeiros dados coletados permite considerações sobre as noções de pertencimento; territorialidade; permanência e vínculo dos participantes que qualificam os pressupostos

acima mencionados, apontando para um tipo de identidade virtual bastante peculiar, que trataremos a seguir.

Sob o aspecto metodológico, vale observar que trabalhamos com os dados da primeira fase da pesquisa, de novembro de 1999 a março de 2000. Sendo assim, estas observações têm, sobretudo, um caráter exploratório.

II.1 - A lista rio-carnaval@

A lista de discussão rio-carnaval@ surgiu em julho de 1998, por iniciativa de Felipe Ferreira, com o objetivo de reunir pessoas que se interessam pelo carnaval carioca e por suas escolas de samba.¹⁰ Felipe é um ativo militante do mundo do samba carioca – jornalista, autor de um dos melhores *sites* sobre samba na Internet¹¹, de obras sobre Carnaval(1999) e atual assessor de comunicação da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro - a LIESA, que representa as Escolas do Grupo Especial e organiza o Carnaval da elite das Escolas na Sapucaí.

O acompanhamento da lista teve início em novembro de 1999. Metodologicamente, a escolha cronológica justifica-se por um motivo óbvio: este período que vai de novembro a fevereiro é marcado pela crescente efervescência do universo carnavalesco, uma vez que corresponde à reta final das Escolas em seus preparativos para o desfile do carnaval, quando o samba já foi escolhido e as quadras e barracões fervem; e as listas, assim, refletem também esta crescente animação.

A temática da rio-carnaval@, como não poderia deixar de ser, versa basicamente sobre o Carnaval carioca, discutido, obrigatoriamente, em português. Quanto ao conteúdo das mensagens, o material coletado permite-nos a sua classificação nas seguintes categorias:

- 1) Avisos sobre eventos ligados ao samba, shows, ensaios nas quadras, lançamentos de CDs geralmente não divulgados pelos veículos de comunicação
- 2) Discussões específicas sobre o Carnaval 2000 - críticas apuradas sobre sambas, fantasias, enredos, disputas entre as “praças” Rio e São Paulo.
- 3) Discussões acaloradas sobre a atuação das autoridades e da mídia em relação ao Carnaval - descaso da mídia; críticas à atuação da LIESA, etc.
- 4) Memória do samba - Rememoração de episódios testemunhados pelos participantes, disputas para se lembrarem do ano certo de tal enredo, minúcias ligadas ao puxador de tal escola em tal ano, etc.
- 5) Brincadeiras entre alguns participantes, incompreensíveis às vezes para os demais, demonstrando estreitos laços afetivos, em alguns casos anteriores à existência da lista, em outros, estabelecidos através dela.
- 6) Troca de dicas e favores - um estrangeiro que chega ao Rio e gostaria de saber os melhores lugares para se ouvir um bom samba; um outro que gostaria de uma pele de tamborim e pergunta quem pode comprar para ele; um radialista do Rio Grande do Sul que tem um programa sobre samba na rádio local gostaria de ter “em primeira mão” o CD das

Escolas do grupo Especial - que demora a chegar no Sul – sempre respondidos prontamente.

Através destes dados confirmam-se, de maneira geral, as características comuns a outras listas tais como a solidariedade entre os participantes - que prestam favores, dão dicas, etc; o espontaneísmo - ainda mais tratando-se de uma lista sobre um tema “tipicamente carioca” - que marca o relacionamento; a ênfase na participação de todos “que podem falar o que quiser”; e a circulação de informações privilegiadas e especializadas, não encontradas nos veículos de comunicação de massas.

No momento em que se busca cruzar a identidade dos participantes com os dados sobre o conteúdo, porém, as peculiaridades desta comunidade começam a se revelar. Isto porque rapidamente, alguns nomes envolvidos com o Carnaval carioca são identificados entre os membros: autores de obras sobre Escolas de Samba, carnavalescos e membros da diretoria de Escolas; jornalistas especializados em Carnaval; compositores, radialistas.

Mais do que isto, os participantes fazem questão de se identificarem e serem identificados. Alguns, além de assinarem os nomes completos, colocam embaixo suas ocupações facilmente reconhecíveis por quem tem alguma familiaridade com o contexto carnavalesco; e ainda sua filiação às agremiações, através de expressões repetidas em todos os e-mails: “saudações imperianas (Império Serrano); “Feliz Sempre Imperatriz” ou citações de versos dos sambas preferidos.

Ao lado deles, participantes de procedências diversas - tanto de outras cidades e regiões do Brasil como do exterior, alguns deixando claro que são velhos conhecidos do mundo do samba, que já participaram de desfiles e que estão temporariamente ausentes da cidade; outros, realmente “novatos”, geralmente não residentes no Rio de Janeiro, desculpando-se por não entenderem tanto de samba, mas “querendo aprender”.

O que estes dados sugerem inicialmente é que, ao contrário das observações sobre alguns outros tipos de comunidades virtuais, neste caso, a identidade virtual é uma extensão da identidade anterior de “militante” ou torcedor do mundo do samba, que conhece e “vive nele o ano inteiro” – não havendo interesse ou estímulo à experiência do anonimato ou mesmo de elaborações identitárias alternativas à da vida “real”.

Isto fica claro no momento de inscrição de um novo membro na lista - seja ele do Rio Grande do Sul ou de Londres, quando o seu pertencimento como torcedor de uma Escola “tradicional” do Carnaval carioca e suas atividades/experiências com o Carnaval são quesitos fundamentais para ter uma acolhida calorosa. A saudação dos listeiros a quem chega sempre inclui estas perguntas – para que agremiação voce torce? Trabalha com Carnaval? E aqui, pior do que torcer para uma Escola “emergente”¹² vai ser, somente, não torcer para Escola nenhuma.

Da mesma forma, a importância da experiência “in loco”, fica clara, por exemplo, nos comentários altamente sutis e sofisticados sobre os elementos das escolas – enredo, fantasias, ritmo da bateria, entre outros – que demonstram a familiaridade dos participantes com todo este universo. Opinião baseada antes de tudo na observação “de dentro”, na quadra da Escola, no barracão e no desfile – não só das grandes do Grupo Especial mas também das pequenas, dos outros grupos, do qual o trecho abaixo é um exemplo entre tantos:

Amigos amantes do samba e do carnaval:Acabo de voltar de Madureira, do ensaio tecnico da bateria do Imperio. Ela esta melhorando, retomando sua antiga forma, excelente. Os

tamborins voltaram a virar, os agogos estão mais encorpados, chegaram mais repiniques, que estavam em desproporção com as maravilhosas caixas, ponto forte de nossa bateria. Os surdos de marcação nunca deram problema. Edilson, agogo nosso amigo, que estava afastado, voltou hoje e teve ótima impressão¹³.

Esta preocupação com o envolvimento afetivo com as agremiações enquanto elemento chave da construção da identidade sambista é retomada a toda hora e são momentos em que a lista ferve. Em um momento discute-se a invasão de puxadores de samba cariocas nas Escolas de Samba paulistas para o desfile de 2000.

Um dos participantes pergunta o que os listeiros acham disto. Segue-se o debate:

(...)esse crescimento se deve exclusivamente ao dinheiro. Embora muito da cultura brasileira ainda resista em morar no Rio quase todo suporte patrocinador dessa cultura já está em SP.(...)

Um paulista retruca a seguir que os sambas de lá melhoraram depois da ida dos puxadores, ficando com um toque diferente. Tenta ainda ponderar que : *“(...)Na verdade esse entra e sai dos puxadores, começou aí mesmo nas escolas cariocas, de um tempo pra cá, acabou aquela identificação do puxador com a escola, como o Jamelão na Mangueira e tb o Neguinho na Beija.”*

Entra então na discussão um outro listeiro sempre muito ativo, para reiterar o envolvimento – amador, voluntário, apaixonado e desinteressado - como elemento definidor de quem é sambista :

Todo e qualquer profissional de toda e qualquer área tem que correr atrás do seu. Mas, todos aqui sabemos que, os "profissionais das escolas de samba" levaram as mesmas para o cemitério.

Não vou cansar de dizer que profissionais dentro de escola de samba são somente: carnavalesco, ferreiro, aderecista, arquiteto, segurança da quadra, cozinheira de barracão, soldador e todos aqueles da linha de montagem. Não há pejorativo nesta expressão.

Os demais, se são profissionais, não são sambistas.

Aí, dirão: "Mas as escolas têm que dar algum apoio ao pessoal que gasta do seu para se apresentar. O casal MS / PB gasta com vestimenta, transporte (para aquele bandeirão). O harmonia, se mora fora da 'comunidade', gasta sua gasolina."

Muito bem. Se apoio = ajuda de custo, estou de pleno acordo. Mas se apoio é salário...

É exatamente por isso que a velha guarda da lista tem mais prazer em ver o grupo B, que o A, e a este mais que ao Especial. (...)

Por que é que um cara compõe para o Engenho da Rainha? Posso estar muito enganado. Posso mesmo. Mas acho que de lá não sai nada para esses caras não.

(...)

Talvez seja uma bobajada, essa minha 'sonhação'. Mas eu não acredito em quem é Flamengo ou Beija Flor até morrer, e depois de umas piscadelas de olho de outrem, estará de beijos e esfregações com outro grêmio.

(...). entendo que samba é para ser amado e não para ser capado.(...)

Em todos os casos, a opinião da “velha guarda” da lista – em sua maioria com idade que não chega a 40 anos – parece concordar com a perspectiva brilhantemente defendida acima na infinidade de momentos em que o debate retorna à discussão dos listeiros.

Uma outra pista é também importante para aprofundarmos esta noção de pertencimento dos nosso sambanautas. A existência e participação na lista confunde-se com a ala rio-carnaval@, da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti, este ano desfilando no grupo A¹⁴. É claro que a ala não vai sair nesta Escola por acaso. Conforme a menção no e-mail citado, as escolas inferiores – do Grupo A até E – são vistas como o reduto do Carnaval mais tradicional, que ainda não se impressionou com as possibilidades de sucesso “midiático”. A partir deste convívio – na lista e reciprocamente na ala rio-carnaval@ - criou-se um grupo coeso que reúne-se às sextas-feiras no bar Poleiro do Galeto, no Mercado da Cadeg próximo à quadra do Tuiuti em São Cristóvão – onde todos se conhecem, e os “novatos” podem socializar com os “antigos”, para obviamente falar de Carnaval antes da ida aos ensaios da agremiação.¹⁵

Esta observação nos leva portanto a uma segunda: a de que, ainda que o ideal da lista seja de acolhimento irrestrito: “aqui cada um fala o que quiser” e “todas as opiniões são respeitadas”, esta comunidade – como qualquer outro grupo – legítima algumas vezes que têm uma função pedagógica, uma vez que vêm de uma longa militância no mundo do samba, que a toda hora é reivindicada para legitimar um argumento.

“Como sabem, sou ritmista de verdade, militante, toco em minha bateria o ano inteiro e nesta época 3 vezes por semana (...) escreve um participante no meio de uma discussão e em outro momento, reafirma. “(...) vi o desfile ao vivo pela primeira vez em 67. Desde 72 saio no Imperio Serrano e nao perdi mais nada, so as escolas que desfilavam imediatamente antes ou depois da minha.

Um outro, bastante exaltado numa discussão, responde a um participante que reside em Fortaleza nos seguintes termos: “ *Agora, onde vc mora mesmo? (...) Qtas vezes vc participa do carnaval? só os 3 dias que vc vem para cá e já se acha digno dessas palavras? qual a sua idade? Acho que vc entende mesmo, é de forró, se é q entende....”*

Esta estrutura parece reproduzir portanto aquela das próprias Escolas de Samba - que são ao mesmo tempo associações que têm um polo aberto e inclusivo; e outro altamente exclusivo, cujos membros têm alta consciência de bairro, grupo e cor; ou dito de outra forma, são instituições dotadas de um núcleo “duro” - resistente à mudança, ciente das tradições, zeloso da autenticidade - rodeada por círculos concêntricos mais flexíveis. (Cavalcanti; 1995; Da Matta; 1981)

Mas, aqui, este modelo merece reparos, uma vez que a posição militante em defesa do *sambista participante* não pode ser confundida com o discurso saudosista que acompanha a construção da identidade sambista desde seu surgimento nos anos 30 em torno do mote “Querem acabar com o Carnaval”. (Vianna; 1995; Cavalcanti; 1995) Ainda que a querela dos antigos e dos modernos, traduzida na maior ou menor resistência às inovações dentro das Escolas compareça de forma repetida no debate, este grupo está longe de identificar-se com a posição “apocalíptica”, discutindo com sutileza o assunto “autenticidade/tradição” e reiterando várias vezes que “a inovação de hoje é a tradição de amanhã.”

O grupo define-se portanto como resistente não à dinâmica das Escolas, mas principalmente à espetacularização – tomada como sinônimo de “ver”, “assistir” sem mergulhar e experimentar o Carnaval como um modo de vida, para além dos 4 dias de folia.

Tratam-se de pessoas que, nos dizeres de um participante: “vemos o Carnaval com outros olhos e sabemos que ele não morreu, ainda que tenha problemas.” E que se distingue radicalmente daquele folião virtual delineado pela reportagem do JB que abre o trabalho, que substitui a experiência afetiva de pertencer a uma Escola de Samba pela compra de uma fantasia através da Internet.

No caso do grupo da rio-carnaval, a Internet é percebida não como uma ferramenta “virtualizante”, que substitui a experiência do convívio cotidiano¹⁶, mas sim como um meio “com um que de anárquico”, que permite a concretização de um tipo de contato, para além da “superficialidade do que a grande mídia divulga”. “Quem sabe, de espaços como esta lista, não possa se iniciar uma ‘contra-revolução’, que mostre para mais algumas pessoas de mente aberta que o carnaval de rua, nem a Portela, nem a manifestação cultural escola de samba morreram” – indaga o autor da mensagem citada neste parágrafo.

Sobre “esta questão importantíssima”, uma outra participante replica:

a Internet congrega uma porção de pessoas como nós, que amam o carnaval, que conhecem todos os sambas, que discutem questões importantíssimas e que são em sua maioria jovens. (...) Eu fico maravilhada de ver garotos como R. B. de Recife, E.F. de Fortaleza, R.P. de Curitiba e R.N. de Brasília, acompanhando atentamente o que se passa aqui, lendo jornais, comprando discos antigos, sempre bem informadíssimos. E já imaginaram quanta gente existe nas mesmas condições, mas ainda não ligada à rede?

Um dos mais interessantes exemplos desta perspectiva do grupo em relação à Internet constitui-se na distribuição do troféu Sambanet, criado no ano passado e que repete a dose este ano. Trata-se de um prêmio dado a diversas categorias do mundo do samba – tais como aquelas do Estandarte de Ouro da Globo, mas com algumas distinções importantes do prêmio da empresa de televisão. Em primeiro lugar, o prêmio é dado a participantes de escolas do grupo A e B – que são desconhecidas pela mídia por ocasião da cobertura do Carnaval. Além disto, a votação utiliza-se de um universo maior de “eleitores”, uma vez que não se restringe ao comitê organizador nem mesmo aos participantes da lista. Ao contrário, a idéia é permitir que todos os presentes no Setor 3 do Sambódromo durante o desfile destes dois grupos possa manifestar suas preferências em voto individual, que serão computados pela comissão organizadora. Finalmente, uma grande festa na quadra da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti, após o Carnaval (provavelmente em maio) premia os ganhadores.

O mais interessante é que o prêmio começa a ganhar repercussão, sendo divulgado pelos próprios jornalistas nos veículos onde trabalham¹⁷ - assim como outras votações restritas às listas (sobre os melhores sambas, melhores desfiles), conforme chama atenção um membro: *Estava eu entrevistando o Jorge Tropical semana passada para o nosso programa na Tupi, quando ele disse o seguinte, ao exaltar a ala de compositores da Vila: você sabia que o nosso samba de 94 foi escolhido na Internet como o melhor da década de 90 ?”*

Observação que outro participante confirma, dizendo que foi apontado numa quadra como fazendo parte “do pessoal da Internet” e acrescenta: *Acho que o samba-net veio consolidar cada vez mais a nossa existencia no mundo do samba.*

Tomados em conjunto, estes exemplos delineiam a perspectiva do grupo em relação à Internet enquanto ferramenta que reforça a militância e envolvimento no mundo do

samba. Ou seja: para estes participantes seria impensável “substituir” a experiência do Carnaval pela versão virtual, corroborando, neste caso, a perspectiva que percebe a Internet como ferramenta de complexificação dos laços sociais, que cresce em simultâneo com as outras formas de sociabilidade da vida contemporânea

Como consequência desta afirmação, percebemos que, apesar de aberta ao mundo, a comunidade que constitui esta lista está longe de uma identidade “global”. Sem dúvida, pode-se acessar a lista de qualquer parte do planeta, mas o que ela encena, antes de qualquer outra coisa, é a identidade carioca, construída com base em um núcleo básico de participantes que se ligam a partir de um forte componente territorial e afetivo que é o pertencimento a uma agremiação do samba e o compromisso em torno do eterno mote sambista de “não deixar o samba morrer” e de ver o samba como “um modo de viver”(Cavalcanti; p. 82) que se estende para além do Carnaval e que implica em frequentar (ao contrário do futebol) não só a quadra da sua Escola de Samba mas também as outras “co-irmãs” durante todo ano. Em torno deste núcleo é que vão se agregando os outros participantes – mais ou menos comprometidos com este “engajamento”.

Sobre esta noção de pertencimento, a frase de um participante revela um outro aspecto da questão. O contexto era uma discussão sobre a prática das Escolas de cobrar – ou não - ingressos de “profissionais” do samba tais como compositores, presidentes de Ala, baianas, etc. e a discussão foi ficando cada vez mais acirrada, com algumas ofensas pessoais trocadas entre as partes, que discutiam a partir de duas posições: a favor da cobrança ou contra. Ele escreve então: *“Acho que a entrada deve ser gratuita para pobres sambistas (compositores ou não) e não para burgueses como nós, que usamos computador para falar de Carnaval.”*

O que a ironia deste comentário revela é que aqui, já temos um conceito ampliado de “comunidade do samba” que incorpora não só a “prata da casa” – os “pobres” nascidos na favela mas também esta camada de pessoas que, mesmo (bem) nascidas fora do morro, bem informadas e “usando computador para falar de Carnaval”, participam e amam as Escolas e o Carnaval, às vezes até mais do que os nascidos no local da Escola – e que o sofisticado grau de elaboração dos argumentos em textos saborosos, irrepreensíveis sob o aspecto formal, confirma.

Conforme distingue um participante:

“ Em qual sentido voce usou a palavra COMUNIDADE? Se foi no sentido de "morro", onde esta esta tal comunidade?(...)A pessoa so eh da COMUNIDADE na hora de pegar a fantasia de graca para desfilar.Elas so pensam em tirar da escola, dar, que bom,nada.Agora, se o sentido for mais amplo, tudo bem. Se comunidade significar as pessoa que sao torcedores, componentes da escola, que frequentam seus ensaios, independente de onde moram, aceito este termo.”

É por isto que uma assinante da lista, residente em Londres, é admirada e citada como exemplo. Pois mesmo não sendo carioca, ela tem um profundo envolvimento com o Carnaval há vários anos; já saiu em escolas grandes e pequenas, provocando o seguinte comentário:

“Eu nao falei pra voces que a londrina G. eh demais? recebi hoje uma mensagem particular dela, no idioma que Shakespeare usou para contar a historia de Hamlet, em que pede inscricao na ala Rio-Carnaval @, tal como no ano passado. So que me adverte para verificar os horarios, para que nao haja coincidencia: eh que ela estara desfilar no grupo D, na bateria da Uniao Parque Curicica. Conheco muito brasileiro que nao faz

Da mesma forma, uma outra rio-carnavalina de origem uruguaia é mencionada como exemplo, por ter sido a primeira mulher a tocar surdo na bateria da Estácio, em 98, lançando a moda entre as “menininhas” da própria comunidade.

II-2 – Sambanautas da Unidos do Mundo

A título de comparação, passaremos agora a uma breve descrição de uma outra comunidade virtual também ligada, de maneira bastante diversa ao mundo do samba carioca: a G.R.E.S Demonstração Unidos do Mundo (United World Samba School), “primeira escola de samba virtual”, que desfilou no sábado seguinte ao Carnaval deste ano, abrindo o tradicional “Desfile das Campeãs” do Carnaval carioca.

Nosso interesse por esta Escola foi despertado pela sua menção na rio-carnaval@ , no texto que segue:

“(...) Os Unidos do Mundo foi "montada" pela internet. Uma novidade, não eh? São pessoas loucas por samba do mundo todo, que montaram escolas de samba em suas terras, cantando samba em suas línguas. O sonho deles eh desfilar no Rio. Mas não desfilam dentro de uma ala, atrapalhando todo, como muitas vezes acontece (não eh regra, entenda-me bem, pois ha varios desta lista que, apesar de estrangeiro, dão o "recado"). Eles se uniram através da Internet e decidiram pedir para desfilarem no carnaval do Rio. Felipe Ferreira fundou a pagina SAMBA BRASIL e eles entraram em contato com ele sobre o assunto. Eu mesmo fui a reuniao de fundacao. O Fundador pela parte internacional foi o David.(...)São pessoas que gostam de uma cultura muito diferente da deles, não eh mesmo?(...)”

A partir destas informações, chegamos ao *site*¹⁸ que depois do convite: “Join the first planetary meeting of sambistas in Rio” disponibiliza informações sobre o Desfile, que confirmam, de forma geral, o conteúdo da carta acima mencionada.¹⁹ O *site* revela ainda indícios interessantes, que sugerem estarmos frente a uma modalidade diferente de “sambista virtual”.

Por um lado, há toda uma preocupação com detalhes “autênticos”, para que a Escola não se constitua como um tipo de “macumba para turista”: o samba-enredo **Declaração Universal de Amor**, disponibilizado em áudio no *site*, é composto por Martinho da Vila – nobre representante da estirpe de compositores de samba de Vila Isabel – que ganha agradecimentos e *link* para o seu próprio *site* “carioquíssimo”; o “pacote” de inscrição que inclui, além de fantasia e ingressos para o Sambódromo, a participação de “workshops” de samba na quadra da Beija Flor “quando mestres do samba de outras escolas estarão ensinando” e testando os componentes, encaixando-os nas alas mais adequadas.

Além disto uma olhada no curriculum do fundador, David Hilster, revela sua intimidade e interesse pela “cultura brasileira”: ele morou no Brasil de 87 a 90, já desfilou em Escolas locais, vem sempre para o Carnaval e é casado com uma brasileira, além de ter fundado a Sambala Samba School, que desfila em Los Angeles desde 1994 e que se anuncia como a primeira Escola de Samba a aportar na Internet²⁰

David é ainda “sponsor” da World Wide Samba Home Page – “trazendo a Comunidade Internacional do Samba” reunida através de um *site* com dados surpreendentes

sobre as Escolas de Samba existentes em cada país, traduzida em números de membros; e revelando ainda a existência da IFOs – International Federation of Sambistas.

Por outro lado, apesar deste esforço de socialização, parece difícil evitar a má vontade dos amantes do Carnaval, uma vez que outras características apontam para um universo de “globalização” do samba que não se coaduna com a identidade militante aqui antes discutida – a começar pela proibição da participação de brasileiros, a não ser os residentes no exterior e os “convidados”.

A bandeira da Escola – símbolo muito valorizado em todas as agremiações – é um globo terrestre na forma de um pandeiro. O enredo, tal como as Escolas brasileiras, fará uma menção aos 500 anos do Descobrimento, mas inserido numa perspectiva global, que “evolui” das grandes navegações à Internet.²¹ Se lembramos que este mesmo tema – a comemoração dos 500 anos do Descobrimento – é abordado pelas Escolas cariocas através de enredos que valorizam as versões oficiais onde predominam caravelas e “bons selvagens” – ou conforme o comentário de um listeiro – “versões da história há muito superadas” – espanta a originalidade deste enredo que fala das Grandes Navegações como a primeira globalização, relacionando-a ao telefone, avião, e até Internet! - “celebrando 500 anos do Brazil e Samba Internacional no Novo Milênio.”

Em um outro dia que o assunto da Escola de Samba virtual voltou à lista rio-carnaval@, recebeu os mais contundentes comentários de um dos ativos participantes, que dizia ser “contra até a morte”, acrescentando:

AS ESCOLAS CARIOCAS NÃO TÊM ESPAÇO AQUI EM SUA CASA E ESSES ARREMEDIOS MUITO RUINS DE ESCOLAS DE SAMBA VÊM PARA CÁ TIRAR DE QUEM NÃO TEM. ELES QUE VÃO DESFILAR EM FRENTE AO COLISEU OU EM FRENTE À CASA DE QUEM ELES QUISEREM. AQUI NÃO DÁ. JÁ NÃO BASTA TOMAREM AS VAGAS DE QUEM QUER ASSISTIR ÀS NOSSAS ESCOLAS DE SAMBA SABENDO O QUE ESTÃO VENDENDO, AINDA QUEREM TOMAR O ESPAÇO DENTRO DA PISTA.

Sobre os workshops de samba, a sua posição, claríssima, é a de que:

NÓS NÃO SAÍMOS DAQUI PARA APRENDER DANÇA DE COSSACO EM DOIS DIAS PARA 'ABRILHANTAR' AS FESTAS DELES. SOU TOTALMENTE A FAVOR QUE SE INTERESSEM E ATÉ QUE DIVULGUEM MINHA CULTURA. MAS, PÔ! NÃO TEM RUA SUFICIENTEMENTE LARGA NA TERRA DESSA GENTE NÃO?

Segue-se o comentário de um outro participante, também contundente. Dizendo-se “a favor” da Unidos do Mundo, ele acrescenta:

“ (...) mas que desfilem, sei lá, no Aterro, de graça! Melhor pra todo mundo! Deixa quem pagou ingresso pra ver samba que veja as cinco primeiras do Especial e duas do A. Aqueles italianos eram insuportáveis, era a hora consagrada ao Bob's no sábado das campeãs. Só faziam algum "sucesso" porque davam brindes pro povo. E pensem bem: o gringo que vem aqui ver desfile não quer ver gringo desfilando.”

Estas declarações, vindas de companheiros de uma lista on-line pública, da qual participam estrangeiros – que poderiam inclusive estar vindo para desfilarem na Unidos do

Mundo –obviamente provocaram respostas indignadas, ao mesmo tempo que uma rápida retratação do autor da primeira mensagem.

Desta vez, ele delicadamente se desculpa pelas palavras grosseiras e explica que: *“na lingua portuguesa, ‘estrangeiro’ quer dizer ‘estranho’, alheio’. (...) Se voce está vivo e ativo no assunto não é um estrangeiro. Mas, veja bem, se virá para o desfile para uma brincadeira, é um estrangeiro.”*

Ao que um participante de nacionalidade uruguaia replica: *“Entendo suas palavras, mas neste mundo deveriamos acabar com esta historia de “estes” ou “aqueles”, não porque teramos que ser iguais, o pensar iguais.”*

A breve comparação entre as duas formas de articulação sugere, portanto, que estamos frente a distintas modalidades de construção da identidade virtual: na primeira, diríamos que o vetor de construção é de “dentro para fora” – ou seja, parte de um núcleo central anterior ao convívio na Rede, que reivindica a identidade de carioca e amante do samba como a referência básica e que faz questão de distinguir-se dos turistas, que só vão à quadra nesta época do ano. Conforme decretou um participante: *“Se querem cobrar ingresso que cobrem dos estrangeiros mas não de quem vive nele (no samba) o ano inteiro.”*

No segundo caso, o vetor é oposto – de fora para dentro, apontando para uma modalidade de articulação do global “ao pé da letra” – um “planetary meeting” de apreciadores do samba, separados geograficamente, que têm na Internet a principal ferramenta organizacional da comunidade.

Conclusão

O Carnaval carioca e o desfile das Escolas de Samba constituem um imenso dispositivo ritual de articulação das mais diversas ordens de diferença e seu dinamismo sempre se pautou por esta integração nem sempre harmoniosa entre os de “dentro” e os de “fora”.(Cavalcanti; 1995; Da Matta; 1981)

Nas Escolas, a vinculação à localidade sempre foi uma característica básica. Este é um momento onde a “comunidade”, que na maior parte do ano se vê – e é tratada pelos meios de comunicação como carente – reverte este sentimento para uma forma positiva.

Mas a comunidade da escola é mais do que isto, conforme assinalou o integrante da lista Rio-Carnaval@ mencionado páginas atrás. Um Carnaval começa dentro de um núcleo básico mas vai se espalhando em círculos concêntricos, agregando em torno de si um número maior de pessoas, que conta com os mediadores (Velho;1994) para intermediar as passagens entre estes círculos, que de outra forma não se comunicariam.

Podemos pensar o núcleo da lista de discussão como formada por um tipo específico de mediadores – membros da classe média com domínio de uma ferramenta tecnológica, que são ao mesmo tempo participantes ativos do mundo do Carnaval, em torno do qual se agregam novos membros, “simpatizantes” mas talvez menos comprometidos com esta militância. No espaço da lista, estes últimos podem socializar com estas pessoas que estão “dentro”, que “entendem”de samba através da participação– mas não são exatamente os negros analfabetos dos morros - dispondo de sofisticadas ferramentas tais como o bom texto, que substitui aqui o bom papo cultivado nos botequins cariocas, e o computador. Neste caso, o papel da tecnologia é o de potencializar a comunicação de uma comunidade construída em bases locais, ampliando as possibilidades de construção da

identidade carioca/sambista com base no pertencimento para além da comunidade geograficamente demarcada, e possibilitando assim a entonação de um carioquismo virtual.

Já no caso da Unidos do Mundo, tudo indica que o seu papel é determinante em sentido diverso, possibilitando o surgimento de uma nova comunidade que de outra forma, estaria dispersa, fragmentada. Trata-se da comunidade do World Wide Samba que, uma vez constituída através da Internet, amplia os círculos concêntricos que se formam em torno do Carnaval a uma dimensão planetária.

Através das observações iniciais sobre estes exemplos de comunidades virtuais, buscamos mapear algumas questões sobre os usos específicos e concretos da comunicação telemática em sua relação com uma modalidade da cultura popular, distinguindo diferentes articulações da identidade de sambista virtual: os membros da lista rio-carnaval, firmemente comprometidos com o envolvimento no mundo do samba carioca e utilizando-se da Internet para potencializar estes encontros sobretudo entre iguais; e os participantes da Unidos do Mundo, separados geográfica e culturalmente entre si e do mundo do samba e talvez por isto mais dependentes dos contatos telemáticos para a própria existência da comunidade, uma vez que é a Internet que garante a ligação planetária em torno deste interesse comum.

Nos dois casos, porém, a Internet é potencializadora de um interesse ou afinidade anterior, desmentindo a imagem daquele folião sugerido pela reportagem que abre este artigo, que navega desencarnado e indeciso entre fantasias de escolas diversas na Rede, substituindo a tradicional experiência de socialização nas quadras por uma experiência de “consumo do Carnaval” via Internet.

Bibliografia:

Sobre Carnaval. Escolas de Samba e Cultura popular

AUGRAS, Monique. *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____ – *Medalhas e brasões: a história do Brasil no samba*, Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 1992

BURKE, Peter - *Cultura popular na Idade Média*. SP, Cia. das Letras, 1989

CABRAL, Sergio - *As escolas de samba. O quê, quem, como, quando e porque*. RJ, Fontana, 1974.

_____ - *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996

CARNEIRO, Edison – Prefácio a *Ameno Resedá, o rancho que foi escola*, de Jota Efege. RJ, Ed. Letras e Artes, 1987

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro - *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. RJ, UFRJ/ MinC/ Funarte, 1995

_____ - *O rito e o tempo: ensaios sobre carnaval*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1999

CHINELLI, Filipina & MACHADO, Luis Antonio – “O vazio da ordem: Relações políticas e organizacionais entre as escolas de samba e o jogo do bicho”. In: *Revista do Rio de Janeiro*. Ano I, n.1. RJ; UERJ/Ed. Ayuri

DA MATTA, Roberto- *Carnavais, Malandros e Heróis; para uma sociologia do dilema brasileiro*. RJ, Zahar, 1981

FERREIRA, Felipe. *Guia do carnaval no Rio de Janeiro: 98*. Rio de Janeiro: Editora Altos da Glória, 1998.

_____. *O marquês, o jegue: estudo da fantasia para escola de samba*. Rio de Janeiro: Altos da Glória, 1999.

GOLDWASSER, Maria Julia – *O Palácio do Samba*. RJ, Zahar, 1975

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de – *Carnaval brasileiro. O vivido e o mito*. SP, Brasiliense, 1992

SILVA, Marília T. Barbosa da et alli - *Fala, Mangueira!* RJ, José Olympio Ed., 1980.

TINHORÃO, José Ramos – *O samba agora vai...A farsa da música popular no exterior*. RJ, JCM Ed, 1969

VALENÇA, R. & VALENÇA, S. - *Serra, serrinha, serrano: o império do samba*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

VALENÇA, Rachel Teixeira. *Palavras de purpurina*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983. (Dissertação de mestrado).

_____. - *Carnaval: para tudo se acabar na quarta-feira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

VIANNA, Hermano - *O Mistério do Samba*. RJ, Zahar/Ed. UFRJ, 1995

Sobre tecnologias do virtual, cibercultura e globalização:

AARSETH, Espen J. – “No linealidad y teoria literaria”. In: Landow, G.(org) - *Teoria del hipertexto*. Barcelona, Paidós, 1997.

BAUDRILLARD, J. – *A Sombra das maiorias silenciosas*. SP, Brasiliense, 1985

BOLLE DE BAL, M. – *La tentation communautaire. Les paradoxes de la reliance et de la contre-culture*. Bruxelas, Ed. de l'Université de Bruxelles, 1985.

CASTELLS, Manuel – *A Era da Informação. Economia, Sociedade e Cultura*. Vol. 2. O poder da identidade. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1999

DELEUZE, G. – “Pós-Scriptum: Sobre as sociedades de controle”. In: *Conversações*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.

DURAND et alli – *Guide de l'informatisation: informatique et société*. Paris: Berlin, 1987

ESS, C. – “El ordenador político. Hipertexto, democracia e Habermas”. In: Landow, G (org.) *Teoria del hipertexto*. Barcelona, Paidós, 1997

FERNBACK, Jan & THOMPSON, Brad – “Virtual communities: Abort, retry, failure?” <http://www.well.com/user/hlr/texts/Vccivil.html>. 1995

GIDDENS, Anthony – *As Consequências da Modernidade*. São Paulo, Ed. UNESP, 1991

GUATTARI, F. – *Caosmose: um novo paradigma estético*. RJ, Ed. 34, 1992

HALL, Stuart – *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Ed. DP&A, 1998

HEIM, M. – *The metaphysics of virtual reality*. Oxford Press, 1993

LANDOW, G. – *Hypertext. The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology*. John Hopkins Press, 1992

_____. (org.) – *Teoria del hipertexto*. Barcelona, Paidós, 1997.

LE MOS, A – “Ciber- socialidade: tecnologia e vida social na cultura contemporânea”. *Revista Logos*, Ano 4, n.6 – 1º Semestre /1997. FCS/UERJ

LÉVY, P. – *O que é o virtual*. SP, Ed. 34, 1996.

_____. - *Cibercultura*. SP, Ed. 34, 1999

LIESTOL, Gunnar – “Wittgenstein, Genette y la narrativa del lector en hipertexto”. In: Landow, G. – *Teoria del hipertexto*. Barcelona, Paidós, 1997.

LIPOVETSKY, Gilles – *A era do vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa, Relógio D'Água, 1988

LYOTARD, Jean-François – *O Pós-moderno*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986

MAFFESOLI, M. – *O Tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. RJ, Forense-Univ., 1986

_____ - *A Conquista do Presente*. RJ, Ed. Rocco, 1984

MITCHELL, W. J. – *City of bits*. Cambridge, MIT Press, 1995

NEGROPONTE, Nicholas – *A Vida Digital*. São Paulo, Cia das Letras, 1995

PALÁCIOS, M. – “Cotidiano e Sociabilidade no Ciberespaço: apontamentos para discussão”. In: Fausto Neto, A. & Pinto, J. M.(org). – *O Indivíduo e as Mídias*. RJ, COMPÓS/Diadorim, 1996.

RHEINGOLD, H. – *Virtual Communities*. Addison-Wesley, 1993.

STAR, Susan Leigh (org.) – *The cultures of Computing*. Cornwall, Blackwell Publishers, 1995.

SHIELDS, R. (ed.) – *Cultures of Internet*. Sage Ed., London, 1996

TURKLE, Sherry – *Life on the screen*. Cambridge, MIT Press, 1996

VIRILIO, P. – *A Arte do motor*. SP, Estação Liberdade, 1996

VATTIMO, G. – *La société transparente*. Paris, Desclée de Brower, 1990

VELHO, Gilberto – *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. RJ, Zahar, 1994

¹ A hora e a vez da folia-Internet oferece soluções interessantes para quem não quer perder tempo na hora de curtir o Carnaval -LUCIANA DE MORAES -JB Online 27/01/2000

² - “O Samba em Rede – a dimensão comunicativa das home-pages das Escolas de Samba” – projeto que conta com o apoio do CNPq e da Faperj. Agradeço às bolsistas Renata Freire Correa e Debora Gomes de Oliveira pela proveitosa interlocução ao longo de 1999. Uma versão modificada deste trabalho foi apresentada no 9º Encontro da COMPÓS 2000, no GT de Comunicação e Sociabilidade.

³ Para Fernback,(1995) uma comunidade virtual define-se por “relações sociais formadas no ciberespaço através do contato repetido em um limite ou local específico, simbolicamente delineado por tópico ou interesse”; para Rheingold, (1993) elas são “agregações sociais que emergem na Internet quando um número de pessoas conduz discussões públicas por um tempo determinado, com suficiente emoção e que forma teias de relações sociais.”

⁴ Esta tensão pode ser percebida em vários momentos do ciclo carnavalesco: aparece, por exemplo no próprio interior da Escola por ocasião do desfile, uma vez que ela se caracteriza por alas formadas por elementos ‘da comunidade’, onde o sentido de pertencimento é grande – tais como a ala das baianas, a bateria e as alas reconhecidas pelo “samba no pé”; e outras onde predomina o turista muitas vezes desentrosado, que nem sabe cantar o hino da Escola. Um outro momento são os ensaios que ocorrem a partir da ‘escolha do samba’ (por volta de outubro) na quadra – espaço fundamental de sociabilidade, geralmente localizado no bairro de origem da agremiação- e que chegam ao máximo da efervescência durante o verão, nos fins de semana que precedem o desfile, frequentado ao mesmo tempo por toda a ‘cúpula’ da Escola, tais como diretores e patronos, além das figuras tradicionais e dos moradores locais; mas também por celebridades – atrizes, jogadores de futebol, turistas ilustres.

⁵ - A RNP – Rede Nacional de Pesquisa é um dos programas prioritários do Ministério de Ciência e Tecnologia (www.mct.gov.br), tendo passado por quatro fases que demonstram a evolução e as tendências dos serviços Internet no Brasil. Para dados mais detalhados, mapas e gráficos sobre o assunto, ver os *sites* do RNP (www.rnp.br) e do Comitê Gestor da Internet (www.cg.org).

⁶ - Para um perfil do internauta brasileiro, ver a pesquisa Cade/Ibope em: <http://www.cade.com.br>

⁷ - Citamos na bibliografia apenas uma obra expressiva de cada um dos autores.

⁸ - Listas e *chats* distinguem-se uma vez que as primeiras funcionam através do correio eletrônico, de forma assíncrona; enquanto que os chats, conforme a própria palavra diz, são salas de bate-papo virtuais que exigem a participação em tempo real.

⁹ Alguns exemplos: o novato deve estar atento para não enviar perguntas impertinentes; conversas privadas devem ser evitadas; não se deve enviar mensagens muito extensas; digitar mensagens em caixa alta significa que se está gritando; o uso de palavras, expressões ofensivas ou preconceituosas geralmente é reprovado assim como o envio de publicidade – onde o papel do manager ou moderador de algumas listas, muitas vezes, é o de garantir a obediência ao código, podendo inclusive punir com o desligamento os reincidentes.

¹⁰ - Esta é uma das principais listas sobre carnaval carioca, conforme os próprios participantes; a outra é a lista academiadosamba@egroups.com que também será objeto da nossa pesquisa posteriormente. Nosso interesse pela comparação diz respeito a uma certa rivalidade entre ambas. Novas listas serão mapeadas pela pesquisa, tal como a recém-criada cabanabrasil@grupos.com.br.

¹¹ - O site Samba Brasil, em www.love-rio.com/samba

¹² A classificação das escolas cariocas entre as mais tradicionais como Mangueira e Portela e das “emergentes” como Beija-Flor, por ex. é um tema bastante expressivo para a discussão sobre identidade sambista e invenção de uma tradição. Sobre o tema, ver o trabalho em desenvolvimento como dissertação pelo jornalista Marcello de Mello no Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação/UFF.

¹³ - A grafia original das mensagens, que no correio eletrônico evita cedilhas, acentos, etc foi respeitada. Procuramos ainda, neste primeiro momento, manter o anonimato dos autores, ainda que estas mensagens sejam públicas.

¹⁴ Também chamado de grupo de acesso, uma vez que as duas Escolas mais bem classificadas no desfile ascendem no próximo ano ao desfile do Grupo Especial, das Grandes do Carnaval

¹⁵ - A publicação Rio Boteco – um charmoso guia dos 10 melhores bares cariocas feito pela Prefeitura da cidade - incluiu este bar em sua última edição, mencionando a reunião da lista no texto de apresentação do boteco.

¹⁶ - Na obra “O que é o virtual”, Pierre Lévy critica esta noção de virtualização enquanto sinônimo de “irrealidade”.

¹⁷ - Ver: por exemplo, entrevista da Comissão do Sambanet ao jornalista Eugênio Leal na Super Rádio Tupi, dia 26/02/2000, às 20 horas, divulgando o prêmio.

¹⁸ <http://www.rio2000.org>

¹⁹ Afora um ou outro reparo, como o fato de Alessandra Pirotelli, diretora do Casarão das Artes e cunhada de Anísio Abraão David, patrono da Beija-Flor, ter substituído Felipe Ferreira na parte brasileira da organização.

²⁰ - No endereço: <http://www.sambala.org>

²¹ Nas seguintes divisões: 1) As Grandes Navegações (a primeira globalização); 2) Invenções para um pequeno planeta (destaque pra o telefone e o avião); 3) The Internet; 4) Brasil 500 anos ; 5) A força de um ritmo (fantasia da bateria) ; 6) Reunião das raças (ala de convidados) – divididas em cerca de 25 alas, segundo informações dos organizadores.